



## The end of an athlete's career and the challenges of professional transition

### O fim da carreira do/a atleta e os desafios da transição profissional

### El final de la carrera de atletas y los desafíos de la transición profesional

Ravini de Souza Sodré<sup>1</sup>  Carlos Eduardo Lima Monteiro<sup>2</sup>  Fabio Zoboli<sup>3</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

#### Autor correspondente:

Ravini de Souza Sodré

E-mail: [ravini.sodre@outlook.com](mailto:ravini.sodre@outlook.com)

**Como citar:** Sodré, R. S.; Monteiro, C. E. L.; Zoboli, F. (2025). O fim da carreira do/a atleta e os desafios da transição profissional. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 6(1), e19313.

<http://dx.doi.org/10.20952/jrks6119613>

#### RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo interpelar e tensionar a transição do/a atleta profissional no encerramento de sua carreira. Transição esta que pode ocorrer de modo tranquilo na medida em que muitos esportistas, empoderados por suas antigas carreiras, assumem cargos dentro do escopo de suas modalidades e seguem suas vidas assegurados por um emprego. Por outro lado, muitas das vezes, esta transição é feita de modo abrupto e traumático deixando os/as ex-atletas à mercê de alguma fonte de renda e subsistência. O atleta profissional em transição de carreira pode contribuir de maneira significativa para diversos segmentos do mercado de trabalho, mesmo após deixar a prática esportiva, levando em consideração também o anseio social por suas experiências e conhecimentos adquiridos. Conclui-se que a transição de atletas profissionais é muito particular e atravessada por um emaranhado complexo de situações. De igual modo, se percebe que esse momento crucial na vida de ex esportistas não é balizada por nenhuma política pública que contribua nessa transição.

**Palavras-chave:** Transição de carreira. Atleta profissional. Aposentadoria. Representatividade do Atleta. Ídolo.

#### ABSTRACT

This essay aims to question and stress the transition of professional athletes at the end of their careers. This transition can occur smoothly, as many athletes, empowered by their former

careers, take on positions within the scope of their sports and continue their lives with a secure job. On the other hand, this transition is often abrupt and traumatic, leaving former athletes at the mercy of some source of income and subsistence. Professional athletes in career transition can contribute significantly to various segments of the job market, even after leaving sports, also taking into account the social desire for their acquired experiences and knowledge. It is concluded that the transition of professional athletes is very particular and traversed by a complex tangle of situations. Likewise, it is clear that this crucial moment in the lives of former athletes is not guided by any public policy that contributes to this transition.

**Keywords:** Career transition; Professional athlete; Retirement. Athlete Representation; Idol.

## RESUMEN

---

Este ensayo pretende cuestionar y problematizar la transición del deportista profesional al final de su carrera. Esta transición puede ocurrir sin problemas a medida que muchos atletas, empoderados por sus carreras anteriores, asumen posiciones dentro del ámbito de sus deportes y continúan sus vidas con un trabajo seguro. Por otra parte, esta transición a menudo se hace de forma abrupta y traumática, dejando a los ex deportistas a merced de alguna fuente de ingresos y subsistencia. Los deportistas profesionales en transición de carrera pueden contribuir significativamente a varios segmentos del mercado laboral, incluso después de dejar el deporte, teniendo en cuenta también el deseo social por sus experiencias y conocimientos adquiridos. Se concluye que la transición de los deportistas profesionales es muy particular y está atravesada por una compleja maraña de situaciones. Asimismo, es claro que este momento crucial en la vida de los ex deportistas no está guiado por ninguna política pública que contribuya a esta transición.

**Palabras clave:** Transición de carrera. Atleta profesional. Jubilación. Representación de deportistas. Ídolo.

## INTRODUÇÃO

---

A carreira profissional de um atleta de alto rendimento geralmente exige um envolvimento precoce e intenso. Seu desenvolvimento, muitas vezes, tem um prazo relativamente curto, com uma média de apenas 10 anos de atuação e dedicação, aproximadamente 10.000 horas de atividades regulares e de alta intensidade (Soares, 2023).

O Brasil possui um número expressivo de atletas profissionais, com aproximadamente 92 mil competindo em esportes de alto rendimento (Ministério do Esporte, 2023). Entre eles, destacam-se as modalidades de futebol (38%), voleibol (12%) e atletismo (10%). A faixa etária predominantemente dos atletas está entre 18 e 24 anos, com distribuição bastante equilibrada entre os gêneros: 52% são homens e 48% são mulheres (Silva et al., 2018).

É importante notar que a participação feminina em competições internacionais tem aumentado ao longo dos anos, uma vez que, historicamente, os homens dominavam essas arenas. As Olimpíadas de Tóquio marcaram um momento significativo, sendo a primeira edição a apresentar um equilíbrio de gênero notável na participação (Araújo et al., 2020). Além disso, o Brasil alcançou sua maior representatividade feminina nas Olimpíadas de 2024 tendo em sua participação em 50% do seu efetivo (Maluly & Carvalho, 2024).

A carreira esportiva enfrenta desafios significativos, especialmente pela falta de políticas públicas que abranjam todas as fases da vida do atleta, incluindo a transição para a aposentadoria. É evidente que existe um desequilíbrio entre a vida profissional no esporte e a adaptação a uma carreira fora dessa área. Essa realidade dificulta a permanência e a futura inserção no mercado de trabalho. (Stacanelli & Carvalho, 2023).

Diversas questões contribuem para esse cenário, como a vida financeira, a vida privada e as demandas profissionais. A dedicação exclusiva exigida pelos esportes de alto rendimento

limita as opções dos atletas em outras áreas de atuação, dificultando sua transição para novas carreiras. Como resultado, a passagem da carreira esportiva para a aposentadoria tende a ser mais traumática para os atletas de alto rendimento (Casari; Fukami & Da Silva, 2023).

A imagem do atleta profissional é construída ao longo de sua trajetória esportiva, frequentemente em conexão com sua imagem pessoal. Essa relação pode proporcionar condições favoráveis para uma transição de carreira, permitindo que o atleta utilize sua visibilidade a favor de uma permanência no segmento esportivo. Além disso, isso pode impulsionar o mercado por meio de grandes negócios, desde que os resultados durante sua carreira sejam positivos. Por outro lado, essa valorização é menos acentuada para aqueles que não tiveram um desempenho esportivo satisfatório durante sua atividade (Camilo & Rubio, 2020).

Geralmente, quando o esportista é tido como ídolo em sua modalidade, fica mais fácil a aposentadoria de atleta e a condução da transição de sua vida profissional para outro segmento, pois este tem um poder simbólico maior para se inserir em algum projeto pós-carreira profissional de atleta. Por outro lado, uma carreira interrompida por alguma motivação negativa ou traumática pode dificultar esse momento da vida do atleta.

Diante disso, surge a questão de como o papel do atleta profissional em transição de carreira pode contribuir de maneira significativa para diversos segmentos do mercado de trabalho, mesmo após deixar a prática esportiva, levando em consideração também o anseio social por suas experiências e conhecimentos adquiridos. Diante disso, o presente escrito se propõe interperlar e tensionar a transição do/a atleta profissional no encerramento de sua carreira. Transição esta que pode ocorrer de modo tranquilo na medida em que muitos esportistas, empoderados por suas antigas carreiras, assumem cargos dentro do escopo de suas modalidades e seguem suas vidas assegurados por um emprego. Por outro lado, muitas das vezes, esta transição é feita de modo abrupto e traumático deixando os/as ex-atletas à mercê de alguma fonte de renda e subsistência.

## **A TRANSIÇÃO DE CARREIRA: O QUE COSTUMA DAR CERTO**

---

Cole O trabalho é um setor que ainda ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas por estar presente em diversos ciclos, tanto do ponto de vista da subsistência, da formação e continuidade de identidade, nos sonhos e planejamentos de sucesso. A partir desses ciclos e de suas relações nasce um significado que pode transformar a si próprio e ao entorno e deixar um legado identitário a qual poderá exercer influência através da ocupação exercida.

Nesse sentido, o início da carreira dos atletas é um marco importante a qual geralmente se inicia no período da adolescência que biologicamente passa por processo de transformações estéticas e que simultaneamente estão em complexa busca da sua própria identidade através da observação na realidade que se apresenta. As vivências mais marcantes que serão experienciadas neste momento irão ser absorvidas para a carreira esportiva (Angelo, 2014).

Com isso, a aposentadoria esportiva, pode ser vista como o estágio no qual os atletas se desengajam do esporte de rendimento. É com a aproximação desta etapa que geralmente decorre um longo processo de raciocínio e tomada de decisões, quando não, logicamente, ela não se dá de forma abrupta motivada por questões imprevistas e traumáticas.

Ademais, temos alguns cenários na sociedade que impactam diretamente nesse ciclo trazendo as peculiaridades em cada época com o universo heterogêneo de atletas e ídolos que vão direcionar a transição ou o encerramento. Geralmente quando o atleta é uma referência nacional/mundial na sua modalidade, quando conquistou um título ou bateu um recorde que o diferenciou no âmbito esportivo, esse atleta é visto como ídolo. Ser um ídolo no esporte, com toda a certeza, contribui para o processo de transição do atleta “aposentado” para alguma outra função de trabalho – dentro ou fora do mundo esportivo.

A palavra ídolo tem seu fundamento etimológico no termo grego *eídolon* que nos remete a concepção de “duplo”. Ter um ídolo é se duplicar a partir dele, se “com-fundir”, ter algo dele duplicado em mim ou comigo: ter uma camisa do/a atleta, um pôster, imitar seu corte de cabelo, tatuar na pele sua imagem, ter sua estátua em miniatura, dar o mesmo nome a um filho, dentre outras manifestações ou coisas. Ter um ídolo significa estabelecer uma relação icônica com alguém, pois o ícone é um signo que é determinado por seu objeto por compartilhar características dele. Compartilhar das características do objeto (em nosso caso, o ídolo) significa ter com ele semelhança, ou seja, qualquer coisa que possa substituir algo com o que se pareça.

Mas, para que um atleta passe a assumir a condição de ídolo ele precisa gerar o desejo de ser imitado, de ser uma cópia, um modelo a ser reproduzido. Para possuir tal poder é preciso que sua figura humana de atleta seja consagrada. Isto é, nos rituais “religiosos” do esporte – competições – o/a atleta necessita se tornar uma espécie de “deus/a”. Com sua capacidade atlética cabe a eles, lograr êxitos que os marquem na história de um país, de um clube, de uma competição, de uma modalidade. “A vitória consagra o vencedor no sentido pleno do termo. Ela o cinge de auréola com um prestígio sagrado” (Vernant, 1990, p.326). O personagem humano se revela semelhante aos deuses por sua vitória nos jogos, por um recorde, pela conquista de uma medalha ou por alguma outra consagração. Depois de consagrado os traços ou mesmo um ícone do ídolo passa(m) também a ser(em) figuras interpostas entre o rosto de um deus e o olhar humano – espelho e reflexo... imagem e semelhança.

A condição humana dos atletas não consente a eles o *status* de imortalidade, pois somente aos deuses é concebido tal agraciamento. No entanto, por exemplo, uma estátua em sua homenagem, o manterão vivo para sempre: elas fazem do atleta de fato um imortal – um Deus. Para Marc Augé (2005), o monumento, como a etimologia da palavra o indica<sup>1</sup>, quer-se expressão tangível da permanência ou, pelo menos, da duração. Desta forma, o monumento inscreve e materializa a presença do que se foi no tempo e o faz sobreviver. É a instauração da permanência.

Na linha argumentativa de que atletas ídolos são deuses (entidades imortais) do esporte, retomamos o conceito de ídolo (*eídolon*) que significa o fenômeno mitológico do duplo – da existência dupla, por assim dizer. Os deuses gregos, na tentativa de imortalizar seus filhos semideuses<sup>2</sup>, criaram a estratégia de produzir seus duplos na dimensão terrena. Deste modo, quando seus filhos morriam, criavam o *eídolon* deles na tentativa paradoxal de inscrever a ausência na presença (Vernant, 1990). O *eídolon* se manifesta em dois planos ao mesmo tempo contrastados: o plano material (*eikón*<sup>3</sup>) e o plano imaterial (*psyché*); o primeiro reproduz o segundo mediante operações de mímeses.

A pretensão de fazer com que o corpo inalcançável dos seus filhos mortos não desapareça no além-mundo (do qual fazem parte) fez com que surgisse a necessidade dos deuses de fixá-lo na matéria, de dar-lhes uma forma visível, de dar-lhes um corpo: o *eídolon* então se fez matéria enquanto ícone (*eikón*). As estátuas e o busto de atletas ídolos são monumentos que os fixam na matéria, materializam suas “monumentais façanhas”, outrora, os eternizaram no esporte.

Com os que eternizam no esporte, existe um percentual que o mercado absorve para aproveitamento de suas habilidades e competências midiáticas e de representatividade que vão

---

<sup>1</sup> Palavra que deriva do latim *monumētum* que significa “o que traz à memória”.

<sup>2</sup> Semideuses eram filhos híbridos: filhos de deuses com humanos. Por tal condição, eram mortais. Na mitologia grega, Zeus quando mata seu pai Cronos (o deus do tempo) dá aos deuses a imortalidade, afinal, estes não são mais guiados e atravessados pela métrica temporal.

<sup>3</sup> A primeira manifestação do *eídolon* material foi o *Kolossós* que era anicônica em pedra bruta ou madeira – estátua grosseira sem forma humana. Contudo, o *Kolossós* passa por uma mudança na confluência dos séculos V e VI influenciado pela teoria da mímesis (imitação) elaborada e sistematizada por Platão. O invisível sobrenatural torna-se visível através da imagem imitativa (*eikón*). “O morto não é mais evocado pela pedra bruta, sem inscrição, mas pela beleza visível de uma forma corporal que a pedra fixa para sempre” (Vernant, 1990, p. 328). Surge o *eikón*.

engajar como influenciadores a necessidade de transmissão e manutenção dos valores sociais e em especial os valores olímpicos que são relevantes para o conjunto de organizações sociais, regras e convivência ético-moral.

O campo que atualmente mais se inclina com força nesse segmento são as mídias, o que nos direciona o olhar para o mercado, que organicamente é identificar as adaptações que naturalmente se moldaram para captar os atletas que planejaram ou que possuem potencial para dar continuidade em suas carreiras de outra forma.

O ídolo, por ter essa representatividade de querer ser “imitado” e eternizar, conduz para o que hoje o mercado nomeia de influenciadores. Assim podemos observar que esse cenário pela primeira vez consta nos dados das Tendências Fitness 2025, a qual o 12º ranking é ocupado por programas liderados por influenciadores. Essa tendência se relaciona muito em razão do aumento das mídias sociais e da tecnologia digital que deu origem a essa nova tendência e que sobrepõe a camada do esporte, pois essa tendência envolve intensamente a utilização de empreendedores e entusiastas de saúde e condicionamento físico para fornecer conteúdo e promover o conhecimento da marca por meio de plataformas de mídia social online (Newsome *et al*, 2025).

Normalmente os influenciadores têm um alcance expandido em plataformas como Instagram® e TikTok® e podem promover exercícios para seus seguidores (Newsome *et al*, 2025). Essa pode ser uma tendência crescente com potencial para ampliação e os atletas ídolos nesse cenário podem ser encontrados como influenciadores. Alguns exemplos podem ser listados de atletas que tiveram a transição de carreira promissora, como influenciadores ministrando palestras:

**Bernardinho:** ex-técnico da seleção brasileira de vôlei, é um renomado palestrante e motivador. Após sua carreira no esporte, ele se destacou em eventos e conferências, onde compartilha suas experiências em liderança, trabalho em equipe e superação.

**César Cielo:** O nadador olímpico que compartilha suas experiências e aprendizados em palestras motivacionais, além de ser ativo nas redes sociais, falando sobre esportes e saúde.

**Felipe Massa:** O ex-piloto de Fórmula 1 se tornou palestrante motivacional, compartilhando suas experiências e desafios na carreira, além de ser ativo nas redes sociais.

**Maurren Maggi:** A campeã olímpica de salto em distância realiza palestras sobre superação e motivação, além de atuar como influenciadora em temas relacionados a esportes e saúde.

**Giovani Gávio:** ex-jogador de vôlei e campeão olímpico, também atua como palestrante motivacional e atual consultor do Sesc Rio. Após sua carreira esportiva, ele se destacou em eventos e conferências, onde compartilha suas experiências e aprendizados em temas como motivação, superação, trabalho em equipe.

**Juciely Cristina da Silva:** ex-jogadora brasileira de voleibol, ganhou medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de 2011. Juciely foi eleita a melhor bloqueadora no Grand Prix de 2015. Se aposentou das quadras em 2024 e em seguida tornou-se assessora de esportes do Sesc Rio.

Outra profissão como transição de carreira que podem ser listadas, são os comentaristas esportivos. Aqui temos vários exemplos como os ex-jogadores Júnior (do Flamengo campeão de 1981), Roger Flores, Juninho pernambucano, Bebeto, Pedrinho, Ricardo Rocha, Tita, Caio Ribeiro, Felipe Melo, dentre outros tantos ex-jogadores do futebol brasileiro. Outro exemplo é o de Casagrande, também ex-jogador de futebol, que teve uma carreira notável em clubes como

o Corinthians e a seleção brasileira. Após se aposentar, ele se tornou um comentarista respeitado, conhecido por suas análises e opiniões contundentes sobre o futebol.

Outra opção de transição de atletas é o campo da política, onde ex-atletas, beneficiados pela popularidade criada enquanto esportistas, acabam por decidir disputar cargos públicos em eleições. Um exemplo de ex-jogador que se tornou político é Romário. Após uma carreira de sucesso no futebol, onde se destacou em clubes como o Vasco, Flamengo e o Barcelona, além de ser campeão da Copa do Mundo de 1994 com a seleção brasileira, Romário entrou para o mundo da política. Ele foi eleito deputado federal em 2010 e, posteriormente, se tornou senador pelo estado do Rio de Janeiro. Também são exemplos: o ídolo maior do Vasco da Gama, Roberto Dinamite; o tetracampeão Bebeto, o lateral direito do Corinthians, Zé Maria; o ex goleiro Danrlei, do Grêmio; Marcelinho Carioca, Washington – coração valente; Jardel; dentre outros. Aqui é importante citar que Zico e Pelé foram ministros do esporte brasileiro nas gestões de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente.

Um exemplo de política com representatividade feminina é Leila Barros, ex-atleta brasileira de vôlei. Como jogadora, destacou-se como membro da seleção brasileira de vôlei, com conquistas em competições internacionais, incluindo medalhas em Jogos Pan-Americanos. Após sua carreira esportiva, se aventurou na política. Ela foi eleita deputada distrital no Distrito Federal em 2018, representando atualmente a bancada feminina em questões relacionadas ao esporte, educação e inclusão social.

Outro exemplo é Ayrton Senna, que, embora não tenha exercido a política formalmente em termos eleitorais, sua imagem e legado foram usados por políticos, e ele sempre esteve envolvido em questões sociais e de segurança no trânsito. Sócrates foi outro jogador símbolo da luta política. Juntamente com outros jogadores (Casagrande, Wladimir e Zenon), no ano de 1983, criaram o que ficou conhecido como a “Democracia Corinthiana”. Tal movimento pregava o fim da ditadura militar no Brasil que perdurou após o golpe de 1964. Para combater o fascismo militar, empunharam a bandeira das “Diretas Já”, campanha que sugeria o voto direto e democrático para eleições presidenciais que não aconteciam desde o golpe.

No entanto, sabemos que nem todos os casos são fáceis considerando as camadas sociais existentes.

## **EM QUE CASOS A TRANSIÇÃO É MAIS DIFÍCIL?**

---

Iniciamos essa seção do escrito trazendo a dificuldade maior das mulheres na transição de suas carreiras de atletas. Acreditamos que a transição de carreira da mulher é mais difícil que a de atletas homens. Essa transição geralmente pode ser compreendida por desafios e tomadas de decisões que surgiram durante a sua trajetória, entre elas, conciliar os papéis familiares, gestação e as alterações psicofisiológicas que acontecem com o envelhecimento.

Historicamente, a mulher assume um papel importante, principalmente a partir dos anos 1980. Esta década representou o fim do amadorismo para o esporte olímpico internacional e esse período foi caracterizado pela efetiva participação feminina nas competições olímpicas e pelo início da profissionalização com a entrada de patrocínios das empresas privadas e estatais. Neste processo inicia-se um modelo profissional a qual induziu que as atletas comesçassem a dedicar suas vidas totalmente ao esporte. A rotina de treinos e competições diminuiu o tempo para outras ocupações, no entanto, as mulheres passaram a gerar renda para si e sua família, o que lhes conferiu autonomia e empoderamento. E assim, a figura da mulher vai além da superação das barreiras da discriminação e do preconceito, mas se afirma como pessoa digna de uma imagem público com representatividade (Ehrenberg, 2021).

Nesse sentido, temos o exemplo emblemático de luta da atleta Isabel Salgado que se eternizou jogando vôlei na década de 80 até o sexto mês de gravidez. Isabel engravidou de sua primeira filha, Pilar, aos 17 anos. Com 19 anos, foi para Itália como mãe solo. Gerou outros três

filhos em sua barriga: em 1983, nasceu Maria Clara; no ano de 1986, nasceu Pedro; e em 1987, Carol. Na segunda gravidez de Isabel, ela quebrou paradigmas no esporte ao atuar no alto rendimento, disputando campeonatos de vôlei pelo Flamengo até o sexto mês de gravidez. O mesmo se passou na terceira e na quarta gestação, outra vez Isabel joga vôlei de barrigão e traz à tona a discussão do desafio da maternidade no esporte. Dos quatro filhos biológicos, os três últimos são atletas de vôlei – Isabel tem também um filho adotivo. Inclusive, a filha Carol segue os passos da mãe tentando conciliar sua carreira de atleta, sendo mãe de dois filhos.

Atualmente, as atletas vivem esse processo de interrupção em momentos específicos, visto que, suas participações em competições são tratadas como retorno do investimento, com isso, a interrupção precisa ser planejada ou compulsória (Ehrenberg, 2021). Ou seja, são inúmeras as atletas que precisam planejar sua gravidez para fora de ciclos olímpicos ou então deixar em suspenso o desejo de ser mãe com o objetivo de se manterem atletas com capacidade de competir em alto rendimento. Afinal, é do esporte e dos resultados em competições que vem a autonomia financeira dessas mulheres.

Outra questão que fica demasiado evidente, na transição da aposentadoria de atletas mulheres, é que a carreira de técnica. Geralmente essa carreira é demasiado restrita ao público masculino. Um estudo de Torga (2019) propôs averiguar a presença de mulheres em cargos de gestão de clubes do futebol brasileiro que disputam as séries A, E e C. O estudo conclui uma baixíssima presença de mulheres no contexto analisado, apenas 5 mulheres. Ainda sob esta mirada, o estudo de Passero et al. (2020), que teve como objetivo analisar a participação das mulheres nos cargos de comissão técnica e de arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino desde a primeira edição da competição (2013) até o ano de 2019, chegou à seguinte conclusão:

Analizamos a quantidade de mulheres atuantes como treinadoras, auxiliares técnicas, preparadoras físicas, massagistas, treinadoras de goleiras, fisioterapeutas e médicas. Também coletamos informações sobre o quarteto de arbitragem. Verificamos um predomínio (86%) de homens em cargos de comissão técnica com um lento aumento da participação de mulheres. As mulheres parecem ter maior inserção nos cargos de comissão de arbitragem. Encontramos 39% de mulheres atuando como árbitras principais e 59% como árbitras assistentes (Passero, et al, 2020, p. 1).

Diante do acima exposto, o que se nota é que “dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado, não representa uma possibilidade de emancipação individual e social das mulheres” (Goellner, 2003, p. 117). Ou seja, as desigualdades para as mulheres atletas na possibilidade de acesso a uma carreira pós ciclo competitivo é sim estruturada por estereótipos de gênero.

Ainda transitando nas questões de gênero, há uma antiga polêmica com a participação de atletas intersexo no contexto das competições femininas. No ano de 2018, para o caso das atletas intersexo, a antiga testagem que analisava à amplificação do cromossomo “Y”, via PCR, deixou de fazer parte do protocolo oficial olímpico. Em novembro daquele ano, a Federação Internacional de Atletismo (IAAF) revisou as regras e apontou novos critérios para a participação de atletas femininas que produzem elevadas taxas hormonais de testosterona de forma natural. “O documento regulamenta que as mulheres com hiperandrogenismo – distúrbio endócrino caracterizado pelo excesso de andrógenos como testosterona – serão obrigadas a tomar medicamentos para reduzir as taxas desse hormônio” (Zoboli; Manske e Galak, 2021, p. 8). A regra veio com revisões, a primeira versão alterando os limites hormonais e modalidades abrangidas de 10 para 5 nanomols litro. Além disso, no ano de 2019 foi feito um adendo às regras restringindo algumas provas do atletismo, dentre elas os 400 e os 800 metros.

Estas novas regras interromperam e possivelmente destruíram as carreiras de atletas que recusaram a se submeter aos novos protocolos médicos propostos. Segundo Santos (2021) pelo menos oito atletas, incluindo as três que preencheram o pódio da prova dos 800 metros

nos Jogos Olímpicos de 2016, foram afastadas: Caster Semenya (África do Sul, 800m); Margaret Wambui (Quênia, 800m); Francine Niyonsaba (Burundi, 800m); Jakline Wambui (Quênia, 800m); Linda Kahega (Quênia, 400m); Maximila Imali (Quênia, 400, 800 e 1500m); Beatrice Masilingi e Christine Mboma (Namíbia, velocistas de 400m – competiram nos Jogos Olímpicos 2020 apenas na prova dos 200m).

Retomando as questões de encerramento traumático de carreira, trazemos à baila a aposentadoria compulsória por lesão que acomete um sem-fim de atletas. As lesões que impossibilitam atletas a seguir suas carreiras são recorrentes quando pensamos na transição de “aposentadoria do atleta”. Apesar da idade com (49,4%) parecer ser o principal motivo de invalidez, as aposentadorias compulsórias também se apresentam como um desafio para a transição de carreira do atleta. O encerramento da carreira por lesão avaliada em 79 atletas de basquetebol e futebol profissional brasileiros é de (15,2%), seguido de (16,5%) aos problemas de saúde (Agresta et al, 2008). Provavelmente se desdobram uma taxa moderada a alta para as demais modalidades.

Um ícone nesse sentido é Ronaldo Fenômeno. Após várias lesões no joelho, que o tiraram várias vezes das peleias dentro das quatro linhas, fez com que o jogador não aguentasse mais os longos períodos de recuperação. Aliado a isso, estava a sua dificuldade de se manter condicionado fisicamente, se apresentando muitas vezes acima do peso. A frase dita por ele na sua coletiva de imprensa no Corinthians no anúncio de sua aposentadoria é emblemática: “Eu perdi para o meu corpo, meu corpo me derrotou”.

Treinar o corpo significa libertá-lo ao máximo de se sua condição de natureza. Enquanto o sujeito atleta domina o seu corpo para poder se fortalecer, no rito sacrificial de sua constituição, a ciência medeia um novo sacrifício no treinamento: a quebra constante do equilíbrio homeostático deve provocar sempre uma adaptação superior. A ciência molda o corpo baseada no modelo prévio que ela tem sobre a natureza. E esta passa a só ter significado ao ser dominada como vítima (Vaz, 1999, p. 103-104).

Desse modo, o atleta, todos os dias, precisa se colocar à prova diante de um sem-fim de exercícios a fim de manter sua forma física para potencializar sua performance. Treinos físicos e técnicos consomem horas diárias dos atletas, isso quando não são atletas de modalidades coletivas, onde aos treinos ainda precisa ser acrescida às questões táticas.

O esporte se caracteriza historicamente como um dos territórios de maior expressão e conservação cultural da redução do ser humano à condição de matéria biológica com a finalidade de transformá-lo em um objeto da técnica a fim de melhorar seu rendimento. Por tais motivos, talvez o esporte seja a prática na qual mais se utiliza a metáfora do corpo como máquina. (Galak; Zoboli & Manske, 2020, p.57).

No treinamento para o esporte, o corpo tem de ser visto como um objeto operacionalizável, de forma que as metáforas que o comparam com algum tipo de máquina, antes de procurar facilitar o entendimento de seu mecanismo, confirmam esse desejo de domínio. Essas imagens que o comparam a uma máquina a vapor, a um relógio, ou a qualquer outro tipo de máquina, parecem querer dizer que um corpo pode ser, da mesma forma que uma máquina, posto em ou tirado de funcionamento. Se um corpo pode ser equiparado a uma máquina, é porque também suas peças podem ser substituídas, ou reparadas, caso o funcionamento não esteja a contento. Essa “consciência mecânica do corpo” é fundamental para o desenvolvimento não só do esporte, mas de um pensamento de tipo esportivo (Vaz, 1999, p. 101).

Se o corpo do treinamento desportivo é o corpo da máquina, suas peças devem estar funcionando em perfeito estado para que o treinamento e, por consequência, a performance ser alcançada. No contexto dessa contenda, muitos atletas, a exemplo de Ronaldo, “perdem” para

seus corpos. Podemos citar aqui outros casos de atletas que encerraram sua carreira de forma “precoce” em decorrência de lesões: o futebolista holandês Marcos Van Basten encerrou sua carreira com 28 anos; o lateral direito do Flamengo e da seleção brasileira, Leandro, encerrou sua carreira em 1990 com apenas 31 anos; o tenista brasileiro Gustavo Kuerten encerra sua carreira aos 31 anos por causa de sérios problemas físicos que o impedia de competir em alto rendimento.

Existem casos extremos onde a aposentadoria se dá pela fatalidade da morte. O caso mais emblemático e icônico talvez tenha sido o do grande piloto e tricampeão da Fórmula 1, Ayrton Senna. O piloto teve sua vida ceifada em 1994 durante o Grande Prêmio de San Marino, no circuito de Ímola. Outro caso trágico de interrupção de carreira foi a queda do avião fretado pela Associação Chapecoense de Futebol em 2016. O avião da empresa boliviana “La Mia” caiu e levou a óbito 71 das 77 pessoas a bordo. A equipe da Chapecoense estava indo disputar o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana em Medellín/Colômbia, contra o Atlético Nacional. Só para citar um caso mais recente, em 22 de agosto de 2024, em partida válida pela Conmebol Libertadores jogavam no Morumbi, São Paulo e Nacional do Uruguai. Durante a partida o zagueiro da escreta uruguaia Juan Manuel Izquierdo teve uma arritmia cardíaca que o levou a óbito dias depois (27/08/2024).

João Carlos de Oliveira (1954-1999), mais conhecido como “João do Pulo”, foi um exímio saltador de triplo. Recordista mundial, tricampeão mundial na modalidade, três vezes campeão panamericano, duas vezes medalhista de bronze em olimpíadas, João foi ídolo de gerações do atletismo. No entanto, no auge de sua carreira, no final do ano de 1981, João do Pulo se envolveu num acidente voltando de uma festa de formatura. O motorista de uma Variante invade a pista e colide com o Passat de João, o motorista morreu na hora, no entanto, João do Pulo e outros 2 amigos que estavam de carona com ele são levados ao hospital. Depois de 16 cirurgias e 4 paradas cardiorrespiratórias, a perna direita de João do Pulo é amputada em 1982. Com ela todos os sonhos atléticos de João também são arrancados de seu corpo.

João do Pulo tentou a vida política sendo deputado estadual em São Paulo duas vezes nos mandatos de 1986 e 1990. No entanto, em 1994 e 1998 João não conseguiu a reeleição. Seus últimos anos de vida foram de muita depressão, alcoolismo e problemas financeiros. João do Pulo chegou a ser preso por não pagar pensão alimentícia a seus dois filhos. Um dia após completar 45 anos, o grande ídolo do atletismo brasileiro vem a óbito em decorrência de cirrose hepática e infecção generalizada.

O doping é outro caso polêmico de interrupção da vida esportiva de um atleta. Lance Edward Gunderson (1971) é o nome de nascimento do lendário ciclista Lance Armstrong que se tornou ídolo no cenário esportivo por ter vencido sete vezes consecutivas (de 1999 a 2005) o *Tour de France* – a maior de todas as competições do ciclismo. Este feito estrondoso ganha ares de superação ainda maiores já que Armstrong voltava a competir após ter se curado de um câncer nos testículos diagnosticado em 1996. O *Tour de France* é uma icônica competição de ciclismo realizada anualmente na França desde o ano de 1903 e é considerada a competição mais importante no mundo do ciclismo. O *Tour* carrega uma mítica também por ser a competição mais difícil do ciclismo pois são percorridos 3640 km de prova organizados em 21 etapas em dias consecutivos. Como se não bastasse a longa distância, a prova é composta por 26 montanhas que reportam aos ciclistas o apelido de “escaladores” (Zoboli; Correia & Dantas Junior, 2022).

Após as acusações e comprovações da existência de toda uma engrenagem organizada em torno da equipe que gestava o “programa” de uso de doping de Lance, a Federação Internacional de Ciclismo em 22 de outubro de 2012 retirou as sete vitórias do *Tour de France* de Armstrong e o proibiu permanentemente de competir em provas oficiais da federação. Em janeiro de 2013 vinha a confissão pela própria boca do ciclista sobre o uso de doping durante sua carreira. A *United States Anti-Doping Agency* (USADA) acusou Lance de ter gerenciado e

formado parte da rede de dopagem mais sofisticada da história do ciclismo. Apesar disso, Lance Armstrong continua dividindo opiniões (Zoboli; Correia & Dantas Junior, 2022).

O doping é um elemento constitutivo do esporte moderno e produto da ciência, relacionando-se diretamente com outras práticas e tecnologias que expandem os limites do desempenho humano, mas que são, arbitrariamente, vinculadas ao “puro”, “natural” e “autêntico”, e que não se apresentam contra as suas regras. Essa é uma questão bastante controversa, afinal, a utilização de drogas no esporte de alto rendimento parece ser imprescindível para que ele continue existindo como espetáculo lucrativo e espetacular. Além disso, não existe algo “natural” no que se refere à relação com o corpo e o treinamento (Silveira & Vaz, 2014, p. 453-455).

Existem várias biografias que retratam a vida de Lance Armstrong e três obras cinematográficas: o filme “O programa: a verdadeira história de Lance Armstrong” (2015); e os documentários “The Armstrong Lie” (2013) e “Lance” (2020). Estas manifestações retratam o plano imaterial do *éidolon*, a *psyché*. A *psyché* tem associação com as manifestações do duplo através do *óneiros* (sonhos), *phásma* (fantasmas/aparições), *póthos* (personificação do desejo amoroso). A *psyché* “é semelhante ao ser real a ponto de se confundir com ele; mas conserva a chancela da irrealidade; envolve a ausência na sua presença” (Vernant, 1991, p.33). Se Lance Armstrong é vilão ou mocinho no paradoxal mundo esportivo, isso é uma questão que não pretendemos discutir aqui, no entanto, sua ascensão e queda nos dão fortes indícios para pensar o fim - ou a transição - de uma carreira esportiva.

Aqui podemos citar outros atletas que tiveram suas carreiras encerradas por acusação e comprovação de uso de doping: a tenista suíça Martina Hingis; a nadadora brasileira Rebeca Gusmão; o velocista canadense Ben Johnson; a velocista americana Marion Jones; o ciclista americano Floyd Landis vencedor do *Tour de France* em 2006, teve seu título anulado após testar positivo para testosterona.

No Brasil, existem casos recentes de suspensão por doping. Caio Roberto Coggiani Yamashita, atleta de levantamento de peso foi suspenso até 2027 por doping; paratleta de natação, Sophia Kavalieris Prado; e outra esportista que suspensa até 2026 por uso de substâncias proibidas. Esses atletas são notificados pela ABCD, nos termos do art. 342 do Código Brasileiro Antidopagem (Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem), lista atualizada em 2025) os atletas internacionais podem ser consultados pelas principais organizações internacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Retomando o objetivo deste ensaio que foi o de interpelar e tensionar a transição do/a atleta profissional no encerramento de sua carreira percebemos que a transição de esportistas profissionais é muito particular e atravessada por um emaranhado complexo de situações. A transição pode ocorrer de modo tranquilo na medida em que muitos esportistas, empoderados por suas antigas carreiras, assumem cargos dentro do escopo de suas modalidades e seguem suas vidas assegurados por um emprego. Porém, também se percebe que ela pode ocorrer de modo abrupto e traumático deixando os/as ex-atletas à mercê de alguma fonte de renda e subsistência. Por isso acreditamos que seriam importantes a criação de políticas públicas que pudessem auxiliar nesse momento crucial na vida dessas pessoas. Isso poderia ser feito com leis federais ou estaduais, na parceria com federações de modalidades esportivas e com a participação ativa dos clubes.

A transição de carreira, como vimos, são influenciadas por diversos fatores e algumas variáveis intervenientes como: sexo, idade, representatividade do atleta na sua respectiva modalidade; histórico de doping; morte; lesões ou acidentes que incapacitam a continuidade da carreira atlética.

Todo atleta ao iniciar sua carreira no esporte almeja ser ídolo, almeja conquistas que o projetem a eternidade. Muitos logram tal feito, outros ficam pelo caminho. No entanto, o que não se pode negar é que as habilidades e competências que a/o atleta adquire ao longo da vida são fatores determinantes para a transição profissional de sua carreira. Seja ela no esporte, ou fora dela.

#### CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:

**Ravini de Souza Sodré.** Mestre em Ciência do Exercício e do Esporte - UERJ, RJ. Especialista em Fisiologia e Treinamento Desportivo, UCB, RJ. Instrutora de Esportes Sesc, Rio de Janeiro, RJ. Pesquisadora do Laboratório do Exercício e do Esporte (Labees), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro, RJ. Contribuição de autoria: Fundamentação teórica, Aprovação final da versão a ser publicada. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6627942701390369>

**Carlos Eduardo Lima Monteiro.** Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Mestre em Ciências da Atividade Física Universo; Pós graduado em Treinamento Desportivo; Pós graduado em Transtorno do Espectro Autista e Psicomotricidade em Autismo e outros transtornos do desenvolvimento; Especialista em Desenvolvimento Esportivo pelo COB; Pesquisador do Laboratório de Biociências e Motricidade Humana (LABIMH); ; Professor da Graduação Bacharel em Educação Física na Universidade Estácio de Sá; Diretor Executivo da Special Sports Kids; Analista de Esporte do Sesc RJ – Rio de Janeiro. Contribuição de autoria: Fundamentação teórica, Aprovação final da versão a ser publicada. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6045035884882126>

**Fabio Zoboli.** Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-doutor em Educação pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). Membro do grupo de pesquisa “Corpo e política”. Contribuição de autoria: Concepção e desenho do texto, Redação do texto, Revisão crítica de conteúdo intelectual, Aprovação final da versão a ser publicada. Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0682121655932961>

#### CONFLITOS DE INTERESSE:

"Os autores declaram que não há conflitos de interesse".

#### REFERÊNCIAS

- Agresta, M. C. et al, (2008) Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 14, p. 504-508. Disponível em: [10.1590/S1517-86922008000600006](https://doi.org/10.1590/S1517-86922008000600006)
- Angelo, L. F. (2014). *Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol*. Tese de Doutorado. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- Araújo, E. T. C. et al. (2021). A trajetória histórica da participação das mulheres nos jogos olímpicos modernos. *EnPE*, v. 8, n. 1, 2021. Disponível em: <http://enpe.ptc.iftm.edu.br/index.php/enpe/article/view/268>
- Augé, M. (2005). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Michel Serras Pereira. Lisboa: 90 graus.
- Camilo, J. A. O.; Rubio, k. (2020). O esporte como campo de trabalho: perspectivas de uma psicologia do trabalho. *Trabalho e Esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*, p. 40-55.
- Casari, C. A.; Fukami, L. H.; Da Silva, A. M. B. (2023). Programa de orientação profissional para atletas em processo de aposentadoria: estudo de caso. *Psicologia Argumento*, v. 41, n. 114. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/374254655\\_Programa\\_de\\_orientacao\\_profissional\\_para\\_atletas\\_em\\_processo\\_de\\_aposentadoria\\_estudo\\_de\\_caso](https://www.researchgate.net/publication/374254655_Programa_de_orientacao_profissional_para_atletas_em_processo_de_aposentadoria_estudo_de_caso)
- Ehrenberg, M. C. (2021). Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta [Resenha]. *Olimpianos- Journal of Olympic Studies*, v. 5. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003099126>
- Galak, E.; Zoboli, F.; Manske, G. S. (2020). Do corpo da biologia ao corpo da máquina: algumas considerações a partir do esporte. *Revista da ALESDE*. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 57-73, junho. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/73190>
- Goellner, S. V. (2003). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*. Ijuí: Editoria Unijuí.

